

OS SERTÕES E OS JAGUNÇOS: NAS TRILHAS DO BEATO CONSELHEIRO

Elisabeth Silva de Almeida Amorim ¹

RESUMO

A forma como a sociedade brasileira trata o diferente — aquele considerado inadequado dentro do cenário da “normalidade” — extrapola a realidade e ganha as páginas literárias. Livros que chegam aos estudantes da Educação Básica, por vezes, trazem informações que podem gerar equívocos, como no caso de Antônio Conselheiro, grande líder religioso e político no contexto da Guerra de Canudos, no século XIX, nos sertões baianos, especificamente no arraial de Canudos/Belo Monte. Esta proposta tem como objetivo apresentar um estudo comparativo entre duas obras literárias que descrevem Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como o beato Conselheiro: *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Os Jagunços* (1898), de Afonso Arinos. Sob a perspectiva da Crítica Cultural, as análises dialogarão com os estudos de Santos (2016), Gomes (2005), Derrida (2014) e Barthes (2001). As obras em discussão serão lidas, interpretadas e, como defende Seidel (2020), deslidas. Ao mesmo tempo em que Antônio Conselheiro é apontado como um grande líder, também é descrito como um monstro. Contradições, equívocos, preconceitos e traições cercam a trajetória desse cidadão, que peregrinava pelos sertões até fixar moradia em uma fazenda abandonada e promover a busca por uma cidade idealizada por ele, nomeada Belo Monte. Os resultados previstos estão vinculados à promoção da leitura crítica das duas obras literárias, pois, ao ler criticamente, contribuiremos para a formação de leitores e leitoras capacitados, que não serão confundidos por narrativas enviesadas.

Palavras-chave: Literatura comparada, Os sertões, Os jagunços, Antônio Conselheiro, Crítica Cultural.

INTRODUÇÃO

Por mais de cinquenta anos, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), circulou como a principal versão sobre a Guerra de Canudos. Pelo menos nos manuais didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, é assim que ela se apresenta: uma obra pertencente ao Pré-Modernismo brasileiro que traz uma versão diferente da oficial sobre o conflito. Dividida em três partes — *A terra*, *O homem* e *A luta* — *Os Sertões*, enquanto denúncia, tornou Euclides da Cunha figura incontornável na história da literatura brasileira.

¹ Mestra e Doutora em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, escritora de literatura infantojuvenil, administradora do Blog e Canal Toque Poético, e-mail mrs.bamorim@yahoo.com.br



Entre 1896 e 1897, o sertão baiano foi cenário de uma luta sangrenta, desigual e desleal: civis contra militares deixaram um rastro de sangue com mais de 20 mil mortos, segundo dados dos manuais didáticos analisados durante a fase de doutoramento. Um cearense de Quixeramobim, chamado Antônio Vicente Mendes Maciel, ao peregrinar pelos sertões de Sergipe e Bahia, tornou-se conhecido como Antônio Conselheiro. Conquistou seguidores de diversos locais e, ao chegar à Bahia, aproximadamente em 1893, instalou-se em uma fazenda abandonada chamada Canudos, que foi por ele batizada de Belo Monte. Ali se desenvolveu um povoamento que chegou a reunir cerca de 25 mil habitantes.

Como Antônio Conselheiro, em suas pregações, se posicionava contra as novas leis republicanas — especialmente o pagamento de impostos —, logo foi taxado de monarquista e considerado uma grande ameaça para a República, recém-implantada. Por ser um grande líder, tornou-se alvo constante de críticas na imprensa. E bastou uma questão mal resolvida envolvendo a compra de madeira para a construção do telhado de uma igreja em Canudos (Belo Monte) para desencadear um dos massacres mais sangrentos da nossa história: a Guerra de Canudos.

O objetivo deste artigo é apresentar Antônio Conselheiro a partir do olhar de duas obras: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Os Jagunços*, de Afonso Arinos. Entre as diferentes versões sobre a origem do massacre, Afonso Arinos escreveu:

O Juiz de Direito de Juazeiro, sabendo de que corria a voz de próximo assalto à cidade, pela gente do Conselheiro, apressou-se a pedir auxílio de linha. Pela cidade e pela população ribeirinha, passava um frêmito de terror, com à iminência da guerra. Muitos havia, porém, que se quedavam tranquilos, dizendo que conheciam bem os jagunços de Belo Monte e deles não tinham receio. Mas a força de linha chegara e partira ao encontro do inimigo, decidida a ocupar um ponto onde lhe pudesse embargar o passo. Seu intuito principal era cobrir a cidade, defendendo-a de qualquer agressão, por ser porto importante do Rio São Francisco e centro de grande comércio. (Arinos, [1898]1985, p.135)

Observa-se que, um ano após o término do conflito, Arinos divulgou as querelas entre o juiz de Direito da cidade de Juazeiro — onde ocorreu a compra de madeira pelos conselheiristas — e Antônio Conselheiro. No entanto, também encontramos em Euclides da Cunha outra explicação para a motivação da Guerra de Canudos:

O principal representante da Justiça do Juazeiro tinha velha dívida a saldar com o agitador sertanejo, desde a época em que sendo juiz, do Bom Conselho, foi coagindo a abandonar precipitadamente a comarca, assaltada pelos adeptos



dele. Aproveitou-se, por isto, a situação, que surgia a talho para a desafronta. Sabia que o adversário revidaria à provocação mais ligeira. De fato, ante a violação do trato aquele retrucou com ameaça de uma investida sobre a bela povoação do S. Francisco: as madeiras saíam de lá, arrebatadas, à força. (Cunha, 2018, p.171)

Por mais que Euclides da Cunha tenha tentado demonstrar neutralidade, suas concepções o conduziram para o lado oposto, tornando seus posicionamentos contraditórios. Ao referir-se a Antônio Conselheiro como “agitador sertanejo”, colocou-o no lugar de culpado pelo conflito, e não de vítima.

Mas, se a intenção era diminuir o beato, o termo “agitador” acabou lhe servindo muito bem. Não houve outro que conseguisse transformar uma fazenda abandonada no centro das discussões em jornais do Brasil e do mundo. Não existiu outro “agitador” sertanejo capaz de liderar mais de 20 mil pessoas em condições tão precárias. E, por fim, não há outro “agitador” tão emblemático quanto Antônio Conselheiro — criticado por uns, adorado por outros — que, mais de cem anos depois, continua presente em estudos, teses e obras artísticas das mais diversas naturezas.

Sem dúvida, os governantes buscavam um pretexto para paralisar as ações de Antônio Conselheiro e de seus seguidores. Não havia controle sobre o contingente de moradores do local. Assim, em 5 de outubro de 1897, declarou-se o fim da guerra, após intenso bombardeio; no dia seguinte, 5.200 casebres foram incendiados, selando o massacre.

Desde as andanças de Antônio Conselheiro pelos sertões, o mal-estar causado pela presença de um grande número de seguidores fez dele alvo de invenções e boatos populares. Embora o beato e seu grupo reformassem igrejas e cemitérios por onde passavam, atribuíram-lhe crimes e o responsabilizaram por “desvios de conduta da população”, numa tentativa de afastá-lo das regiões por onde se instalava.

Convém lembrar que as primeiras descrições a circular amplamente sobre Antônio Conselheiro foram divulgadas por Arinos ([1898] 1985), e, sem dúvida, contribuíram para perpetuar determinadas imagens do beato até os dias atuais:

(...) apareceu no vão da porta um vulto magro e lívido do missionário. A barba maltratada no rosto longo e escaveirado, a comprida samarra de algodão e os pés nus, vacilantes, metidos em alparcas de couro, denotavam fundas privações e o ascetismo... no brilho estranho do olhar havia a energia brônzea do profeta e do reformador. (idem, p.40)

Arinos descreve uma figura marcada pelas privações da vida, mas, ao mesmo tempo, determinada, disposta a promover mudanças, a não aceitar o sistema sem



questionamentos, mobilizando e incentivando o pensamento crítico. Visionário, buscava reformar a sociedade. Essa característica também é destacada por Euclides da Cunha, ao evidenciar a coragem e a determinação do sertanejo que, afinal, é “antes de tudo, um forte”.

METODOLOGIA

Qual o passado daquele homem? Qual a sua procedência? Ninguém indagava, nem ele dizia. Renascera no dia em que se sentiu incumbido da missão divina: datava daí a sua vida. Quando e como começou, pouco importa. (Arinos, 1985)

A vida pregressa de Antônio Vicente Mendes Maciel era realmente um mistério, como bem afirma Arinos: missionário, beato, conselheiro, monarquista, revolucionário — assim permaneceu rotulado por muitos anos. O livro que dominou a história de Canudos por longo período foi *Os Sertões*. E é válido lembrar que seu autor — jornalista, engenheiro, militar e escritor — Euclides da Cunha chegou à Bahia somente ao final do conflito, sem contato com os sobreviventes. Mesmo entre os que escaparam, o assunto “Canudos” era censurado: o medo ainda os ameaçava.

No documentário *Crianças órfãs de Canudos*, de Branco (2017), há o relato de que muitas crianças resgatadas, tratadas como “jaguncinhos”, foram discriminadas na capital baiana. Nem mesmo no convento em que deveriam ser acolhidas houve aceitação, pois eram vistas como filhas do inimigo — um estigma que só começou a ser rompido quando as vozes silenciadas dos remanescentes passaram a ser ouvidas. Assim, novas pesquisas, olhares e narrativas foram surgindo: o medo cedeu lugar ao orgulho de pertencer àquele lugar.

Ali chegou, como em toda parte, desconhecido e suspeito, impressionando pelos trajes esquisitos _ camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas derrubadas, e sandálias. (...) Vivia de esmolas, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia. (Cunha, 2018, p. 125)

A sociedade brasileira continua, de certo modo, aprendiz em lidar com as diferenças. O choque cultural entre colonizadores e colonizados não foi plenamente superado. Anos depois, o intelectual Euclides da Cunha — jornalista conceituado de um grande jornal da capital paulista — chegou à Bahia munido de teorias conspiratórias, preconceitos e determinismo, todos incorporados às suas crenças. O que era diferente tornava-se, assim, esquisito e suspeito.



As imagens vão se formando em cada leitor: Antônio Conselheiro surge como rebelde, sujo, estranho, culpado. Sim, pelas roupas, pelo comportamento, por não aceitar nada além do que era necessário. Ao atrair milhares de seguidores, o beato foi, para muitos, transformado em um “monstro” que estaria levando um povo sem instrução formal ao suicídio.

Ao utilizarmos as obras de Euclides da Cunha e de Afonso Arinos, buscamos desenvolver uma pesquisa comparativa sob o viés da Crítica Cultural, numa abordagem intersemiótica defendida por Barthes (2001), afinal, “a literatura faz girar saberes”. Saberes que aparecem em diferentes manuais didáticos e em diferentes áreas do conhecimento. Assim, as narrativas de Canudos vão além da obra *Os Sertões*: espalham-se como retalhos, através de diversas manifestações culturais. Barthes ainda defende que a literatura precisa unir-se à semiótica para continuar existindo, pois a Literatura e a Semiologia, juntas, ajudam a multiplicar os sentidos. Em suas palavras:

Não é, por assim dizer, que a literatura está destruída: é que ela não está mais guardada; é, pois o momento de ir até ela. A semiologia literária seria essa viagem que permite desembarcar numa paisagem livre por deseração. (Barthes, 2001, p.42)

Para Barthes, a semiótica é a força mais poderosa da literatura, pois possui a capacidade de multiplicar os sentidos. Vimos como diferentes manifestações artístico-culturais em torno do evento de Canudos geram conteúdos para inúmeras pesquisas. Encontramos, assim, descrições de Antônio Conselheiro em diferentes linguagens. O poeta José Américo Amorim (2018, p. 69) escreve: “Peregrino Antônio / De conselhos e prédicas / Por caminhos áridos / Num sertão triste / De homens humilhados (...) Peregrino Antônio / Profeta e amigo fiel / Conselheiro dos pobres / Antônio Vicente Mendes Maciel...”

Fica claro como o olhar amistoso do poeta “Zé Américo”, morador da região de Canudos, em relação a Antônio Conselheiro é bem diferente dos olhares de jornalistas e escritores vindos de fora. Para o poeta, o beato era um “amigo fiel” que ajudava os pobres; já Cunha e Arinos destacaram características físicas e comportamentais que, de modo geral, o desqualificam e põem em dúvida sua sanidade. Palavras ou expressões de cunho negativo — como “barba comprida e maltratada”, “sujo”, “face escavada”, “esquisito” ou “monstro” — se perpetuaram em torno desse líder.



Antônio Conselheiro foi implacavelmente perseguido e cercado por uma rede de intrigas e mentiras. No entanto, ao primeiro sinal de falta de veracidade, a denúncia rapidamente se desfazia, e o número de seguidores aumentava. Novas acusações surgiam constantemente: criminoso, falso profeta, desrespeitador, perturbador da paz com cantorias e rezas; enfim, era apontado como responsável pelo “desvio de costumes” da população.

A partir da abordagem intersemiótica, fica claro que as imagens construídas ao longo dos anos sobre Antônio Conselheiro refletem, em grande parte, as primeiras impressões dos autores Arinos e Cunha. Ambos, conseqüentemente, sofreram influência das notícias tendenciosas e fantasiosas que circulavam em torno do beato. Apesar disso, Arinos, por defender uma política monarquista, foi mais comedido em seus posicionamentos em relação à Campanha de Canudos, chamando atenção para possíveis equívocos nas opiniões circuladas sobre Antônio Conselheiro e seus seguidores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As queixas dos ministros de Deus são constantes e revelam as preocupações dos seus autores em face do enfraquecimento daqueles curas de almas, que não transigiam com o Conselheiro, apontando como malcriado, prepotente, desrespeitador do poder eclesiástico. (Silva, 2015, p. 35)

Silva, ou simplesmente José Calasans, em sua *Cartografia de Canudos*, traça a trajetória de Antônio Conselheiro: os caminhos percorridos, as identidades assumidas, as discriminações sofridas e as ações sociais desenvolvidas nos lugarejos ao longo de sua trajetória como peregrino. No entanto, jamais foi compreendido; religiosos e políticos viam nele uma grande ameaça, devido aos boatos de que o Conselheiro pretendia restaurar a Monarquia no Brasil.

Na epígrafe revela-se o incômodo dos religiosos com a presença de Antônio Conselheiro e de seus seguidores no sertão baiano. Vale lembrar que, bem antes dos ataques religiosos, Antônio Conselheiro já sofria calúnias em um periódico de Sergipe, *O Rabudo*. Em 1874, segundo José Calasans, o autor da notícia do jornal sugeria que o governo investigasse a vida do beato, pois acreditavam que aquele homem estranho teria cometido algum crime e estaria tentando encobri-lo. Trata-se de uma acusação gravíssima, já que, enquanto o “criminoso do Ceará” percorria os Sertões restaurando igrejas e cemitérios, era injustamente caluniado como assassino.



Para Rubelise da Cunha (2005), as obras *Os Sertões* e *Os Jagunços* podem ser entendidas como memórias de um conflito colonial. Ela defende que Afonso Arinos, autor de *Os Jagunços*, desde o início do conflito, se identificou com a causa dos conselheiristas. Esse posicionamento está relacionado às ideologias políticas defendidas pelo jornal monarquista em que ele trabalhava. Por conta dessa postura, após a terceira derrota dos militares em Canudos, a sede do jornal foi alvo de depredação.

No entanto, nem mesmo os ataques aos jornais monarquistas conseguiram silenciar Arinos, que não via nenhuma conspiração nem poder misterioso circulando em torno da figura de Antônio Conselheiro. Com uma dose extra de ironia, ele afirma:

Conselheiro era simplesmente um disfarce, uma máscara, para cobrir os altos intuitos de um príncipe audaz, ou de um revolucionário terrível, contra o qual o Exército inteiro seria bem frágil obstáculo. (Arinos, 1985, p. 205)

Todo indivíduo envolvido, direta ou indiretamente, no evento da Guerra de Canudos — seja por meio de diferentes representações artísticas, literárias ou acadêmicas — leva para o local do conflito suas expectativas e inquietações. Por que mataram tanta gente? Por que espalharam notícias falsas para justificar tamanha violência? O que leva Antônio Conselheiro a assumir várias identidades? Questões que podem permanecer sem respostas, mas cujas pesquisas continuam, pois este texto representa apenas um leque de possibilidades a ser explorado por futuras contribuições.

Como afirma Euclides da Cunha ao finalizar sua magistral obra:

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo...” (idem, p. 450).

Embora Arinos e Euclides utilizassem com frequência o termo “jagunços” ao se referirem aos conselheiristas, esse signo tem sido amplamente contestado em estudos mais recentes, tanto em prosas quanto em versos. O poeta José Américo Amorim destaca como o uso de “jagunço” carrega uma conotação negativa em relação aos moradores de Canudos e, liricamente, sugere substituí-lo por “Conselheirista sou”:

Não me chame de jagunço
Essa palavra me ofende
Sou um homem do sertão
Que da terra depende
Para sustentar a família
Neste lugar esquecido
Onde só Deus nos defende.



(...)
 O sertão não foi vencido
 Continua a lutar
 O Bello Monte está vivo
 Resistindo sem cansar
 Em busca da igualdade
 Justiça e liberdade
 Sem jamais se amedrontar.
 (José Américo Amorim, 2021, p.94)²

Fica evidente que as produções literárias e acadêmicas sobre Canudos e suas narrativas vêm sendo constantemente atualizadas. O poeta, conhecido como “Zé Américo”, chama a atenção para a questão do signo “jagunço”, amplamente utilizado pelo intelectual Euclides da Cunha, assim como por Flávio de Barros, fotógrafo oficial do Exército durante a Guerra de Canudos. Na Figura 1, intitulada *Jagunço preso*, registro de Flávio de Barros, observa-se como era comum tratar os conselheiristas — homens seguidores de Antônio Conselheiro — pelo termo “jagunços”.

Figura 1 Jagunço preso, Flávio de Barros, 1897



Fonte: Museu da República, RJ

Revedo as contribuições em diferentes linguagens sobre o caso de Canudos, retratado nas obras discutidas ao longo deste texto, nota-se que não há intenção de qualificar uma obra em detrimento de outra. Arinos e Cunha foram grandes jornalistas, escritores e, de certo modo, ativistas nos posicionamentos que defendiam. Se Cunha chegou ao solo baiano munido de concepções republicanas e deterministas, elas se desmoronaram diante do cenário de arbitrariedade vivido pelo povo sertanejo. Suas primeiras impressões de um povo “desengonçado” foram substituídas por imagens de “sertanejo forte” e “Hércules-Quasímodo”.

² AMORIM, José Américo. **Histórias do Sertão**: poemas de Canudos. Aracaju: Portfólio Editora, 2021.



Refletimos, assim, sobre a importância das leituras em diversas linguagens, considerando Barthes, mas também críticos culturais do Programa do Pós-Crítica da Universidade do Estado da Bahia, como Santos e Seidel, quando apontam a necessidade de ir além da leitura comum e promover, em cada obra, uma verdadeira “dissecação” por meio da releitura, interpretação e desleitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O labirinto é uma imagem de fundamental importância na construção de *Os sertões*. (Gínia Maria Gomes, 2005, p. 202)

Gomes (2005) enxerga Canudos como um labirinto, com suas ciladas, caminhos interrompidos e percursos feitos e desfeitos. Tal imagem faz jus à estrutura dos casebres construídos no arraial de Canudos/Belo Monte: desordenados, labirínticos e, em muitos casos, idênticos uns aos outros. É preciso muita persistência para percorrê-los sem se perder, afinal, é necessário ir e vir, fazer e desfazer o percurso.

Na tese *Uma colcha de retalhos chamada Os Sertões: entre linhas, pontos e fuxicos dos manuais para as redes*, Elisabeth Amorim (2024) ressalta a imagem de uma colcha de retalhos, composta de pontos, linhas e até fuxicos. Amorim utiliza a metáfora da colcha para ilustrar como a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, aparece nos manuais didáticos: uma guerra que, por falta de diálogos, resultou no massacre de uma população pobre e desassistida.

Os Sertões e *Os Jagunços* apresentam grandes semelhanças, inclusive pelo fato de ambos os autores serem jornalistas e sugerirem que acompanhavam as produções jornalísticas um do outro. Apesar das divergências políticas entre eles, derivadas dos jornais adversários em que trabalhavam — Euclides da Cunha, republicano, correspondente do *Jornal Estado de São Paulo*, e Afonso Arinos, monarquista, colaborador do *Jornal O Comércio de São Paulo* —, suas obras convergem na construção das primeiras impressões sobre o conflito.

Independentemente das questões políticas que cercaram essas obras, *Os Sertões* e *Os Jagunços* contribuíram para compreender o contexto do massacre da população nos sertões baianos. No entanto, não podemos perder de vista que as narrativas contemporâneas sobre Canudos, Antônio Conselheiro e seus moradores continuam tecendo enredos, labirintos e, por que não, uma colcha de retalhos? Ao abrir essa colcha,



novos retalhos podem ser acrescentados, pois, como observa Amorim (2024), sempre há lacunas: vozes foram silenciadas por anos, inocentes foram mortos sem direito à fala, e cada pesquisador pode contribuir com seu próprio retalho.

REFERÊNCIAS

AMORIM, José Américo. **Canudos, 120 anos**. Salvador: ALBA, 2018.

AMORIM, Elisabeth S. A. **Uma colcha de retalhos chamada os sertões**: entre linhas, pontos e fuxicos dos manuais para as redes. Tese. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia / Pós-Crítica: 2024.

ARINOS, Afonso. **Os jagunços**. Novela. Rio de Janeiro: Philobiblion [Brasília], 1985.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977, Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Barueri, São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

CUNHA, Rubelise da. Os jagunços e os sertões: memórias de um conflito colonial. In: GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 137-150.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha: literatura e história**. (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SEIDEL, Roberto Henrique. A materialidade do texto na contemporaneidade deslendo o conceito de autor, leitor e texto. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina (orgs.) **Desleitura: o autor e o leitor no jogo do texto**. Curitiba: Appris, 2020, p.109-125.

SILVA, José Calasans Brandão da. **Cartografia de Canudos**. 2ed. Salvador: ALBA, 2015.

